

# O QUE DIZEM OS POEMAS DE ANIMAIS NO DISCURSO LÍRICO INFANTIL DE O PASSARINHO CARRANCUDO

Cintya Kelly Barroso Oliveira

*Quem não receber o reino da poesia como uma criança também não entrará nele. Quem não receber o reino da criança com poesia também não entrará nele. (Horácio Dídimo)*

## Introdução

O objetivo desta análise é tecer um olhar sobre a poética de Horácio Dídimo, mais especificamente sobre a obra *O passarinho carrancudo* (1984), que consta na coletânea *A palavra e a Palavra*. Ela é a terceira parte da trilogia, composta também por alguns poemas de *Tempo de chuva* (1967) e *Tijolo de barro* (1968) e teve sua primeira edição em 1980.

Em 1984, *A palavra e a Palavra* foi reeditada sob o título *Amor (palavra que muda de cor)*, na qual estaria acrescido o conjunto de poemas intitulado *O passarinho carrancudo*, até aquela data publicado somente na Revista de Letras da UFC. Sobre ele existe um ensaio do autor acerca de poesia e literatura infantil, cujo título é “Reflexões de um passarinho carrancudo” (1982) e “O canto do passarinho carrancudo” (1989), poemas musicados por Elvira Drummond.

Vale ressaltar que, além de inúmeras outras obras, Horácio Dídimo publica em 2003 *O passarinho carrancudo* – literatura infantil, sendo este formado por poemas que envolvem o leitor no reino da Literatura Infantil onde mora o Passarinho Carrancudo. Para este trabalho nos propusemos a estudar os 78 poemas que compõem a terceira parte de *A palavra e a Palavra*, em sua terceira aparição em 2002. O recorte escolhido foi o discurso-lírico infantil presente nos poemas que têm a temática de animais.

## A fortuna crítica horaciana e seus motivos infantis

A obra poemática de Horácio Dídimo é composta principalmente por: *Tempo de chuva* (1967); *Tijolo de barro* (1968), *Primeiro caderno de russo* (1968) – *Piérvaia Titrat Rússkovo lazyhá* (vinte pequenos poemas em russo com tradução em português); *Chão dos astronautas* (1969); *A palavra e a Palavra* (1980); *Amor, palavra que muda de cor* (1984); *Esperantaj poemetoj* (1987) - doze pequenos poemas em esperanto com tradução em português; *Exercícios de navegação* (1988); *Exercícios de contemplação* (1989), *Exercícios de transcrição* (1987); *A nave de prata/livro de sonetos & quadro verde* (1991), *A estrela azul e o almofariz* (1998); *A nave de rubi* (2006); *A estrela azul da fé e da poesia* (2015).

Sobre a temática infantil Dídimo publicou os seguintes livros: *O passarinho carrancudo* (1980); *Festa do mercadinho* (1981); *A escola dos bichos* (1982); *Historinhas do mestre jabuti* (1982); *O desfile das letras* (1982); *As flores e os passarinhos* (1983); *Um novo dia* (1983); *As reinações do rei (antologia de poeminhas reais)* (1985); *A cara dos algarismos* (1983); *O menino perguntador* (1986) e *Historinhas cascudas* (2002).

Segundo entrevista concedida ao jornal O Povo na edição de 04 de abril de 1998, em que conversou sobre o cerne da sua obra, o autor declara: “Na verdade são caminhos paralelos que eu não consigo distinguir. A minha literatura, o meu ensaio, a minha poesia têm muito de literatura infantil”. Por esse motivo, o viés analítico desse artigo se propõe a estudar a terceira parte da trilogia de Dídimo com o olhar no discurso lírico-infantil. A escolha pelos poemas que têm animais se deu porque percebemos que esses são alguns dos personagens horacianos mais recorrentes em suas obras, especialmente em *O passarinho carrancudo*. Além do passarinho há o reizinho reinador, o besouro cascudo, a dona carochinha, o profeta e o pintassilgo, a tartaruga, o saltimbanco, os homenzinhos, as velhinhas, o mestre e o aprendiz, o tigre de bengala, o leão de peruca, os insetos bibliógrafos, entre outros. Sobre a criação de seus personagens, o poeta declara:

O Mestre Jabuti e o Besouro Cascudo, por exemplo, só aceitam nos seus livros as palavras contadas do jeito que a gente fala: são as historinhas. Já o Passarinho Carrancudo e o Reizinho Reinador preferem



as palavras combinadas do jeito que a gente canta: são as poesias. Mas quando eles estão juntos formam um quarteto. Todos cantam e todos tocam: o Mestre Jabuti toca violão, o Besouro Cascudo toca pandeiro, o Passarinho Cascudo toca flauta e o Reizinho Reinador toca zabumba (DÍDIMO, s/d, s/p. Disponível em <https://rl.art.br/arquivos/589577.doc>).

Na mesma entrevista de 1998 o autor conta como se deu o início da sua produção no gênero infantil e o que o levou a escrever para crianças. O destaque se deveu, primeiramente, pela criação da disciplina de literatura infantil na faculdade de Letras - UFC. Foi através desse ensino da literatura infantil por anos seguidos que ele começou a enveredar por esse campo. Dídimo destaca ainda o importante surgimento de uma coleção de literatura infantil chamada Biblioteca da Vida Rural Brasileira, da universidade em convênio com o MEC, em 1981, na qual publicou uma série de livrinhos de literatura infantil para incentivar a leitura nas comunidades carentes, sendo esse também um incentivo para a sua criação de literatura infantil. Um outro motivo relevante se deu por ocasião dos vinte e cinco anos da universidade, sendo nessa ocasião publicado *O passarinho carrancudo*, um de seus primeiros livros de literatura infantil.

Sobre a visão crítica da obra horaciana, citamos os trabalhos de Pedro Lyra (1975) e Roberto Pontes (1993), ambos também integrantes do Grupo SIN<sup>1</sup>, juntamente com Dídimo. O primeiro divide a obra do poeta em seis vertentes que, para ele, se destacam: I. Experiência concretista; II. Efabulação lendária; III. Elocução proverbial; IV. Poema em linha reta; V. Discursivo lírico e VI. Discursivo social. Lembramos que essa classificação diz respeito aos dois primeiros livros do autor, *Tempo de chuva* (1967) e *Tijolo de barro* (1968). No estudo, o teórico aponta:

Valorizada pela variedade formal e pela clara visão da realidade contemporânea, a poética de Horácio Dídimo, particularmente pelas inovações que introduziu na poesia cearense, apesar de tributária

---

1 Nos anos 60, precisamente em 1968, o Grupo SIN (de sincretismo) foi fundado por Roberto Pontes, Pedro Lyra, Horácio Dídimo, Linhares Filho e Rogério Bessa, desfez-se em 1969, porém marcou sua efêmera presença com a publicação de uma Sinantologia, reunindo aqueles poetas e alguns outros que haviam aderido ao movimento, cuja meta era a renovação das letras cearenses.

do estilo-22, afirma-se com um duplo mérito: mérito pela presença histórica, mérito pela presença estética (LYRA, 1975, p. 90).

Pontes (1993), ao debruçar-se sobre a trilogia *A palavra e a Palavra* (1980), defende que a obra do poeta é a retomada moderna da tradição epigramática, não como modelo clássico, mas para identificar e exemplificar seu estilo breve, conciso, curto, adaptado ao contexto contemporâneo. Para tanto, Pontes apresenta uma classificação dos poemas de Horácio Dídimo nos seguintes grupos: a) irônicos; b) políticos; c) gnômicos; d) paródicos; e) humorísticos; e) fabulísticos. Além disso, propõe um olhar futuro para que outros pesquisadores se ocupem e deixa sugerido futuras abordagens que poderiam se deter na temática infantil, reflexiva, metafísica, lúdica e *non-sense*.

Seguindo o conselho crítico deixado por Pontes (1993), escolhemos investigar os poemas de *O passarinho carrancudo* sob o viés lírico-infantil e percebemos a maior ocorrência deste nos versos que tratam de animais, já que essa escolha horaciana é devedora dos contos clássicos, das fábulas e das narrativas de Monteiro Lobato, nas quais a presença de animais é bastante recorrente.

Outro estudo sobre a obra de Horácio Dídimo que deve ser lembrado é o de Pe. F. Sadoc de Araújo, no prefácio de *A palavra e a Palavra* (1980), no qual compara as palavras divina e humana para lembrar o misticismo do poeta:

O poeta percebe que a palavra humana pode expressar a beleza escondida no silêncio ontológico das coisas e o místico percebe que o silêncio das coisas pode expressar a beleza da palavra criadora. Em ambos, há uma busca de plenitude de ser, até atingir as profundidades da abstração metafísica onde o ser é aprendido na nudez e pureza de seus aspectos transcendentais de unidade, de verdade e de beleza. É neste encontro da consciência com a transcendência que se produz a emoção estética em um estado de unificação ou síntese interior (DÍDIMO, 1980, p. 14).



Além destes estudos citados, há variados trabalhos sobre a obra de Horácio Dídimo publicados na Revista de Letras da UFC. Dentre os autores que se destacam estão Francisco Carvalho, José Lemos Monteiro, Linhares Filho. Adriano Espínola e Rodrigo Marques.

A obra *O passarinho carrancudo* (2002) é composta por 78 poemas e, na versão ampliada utilizada nesta análise, traz abaixo de cada um deles uma passagem bíblica, que funciona para complementar o sentido poético de seus escritos e reafirmar a religiosidade presente na obra. Importante destacar que o estilo horaciano nessas composições é breve, curto e conciso. Além de versos filosóficos e sociais, a obra apresenta reflexões sobre o tempo, este breve e efêmero, uma linguagem polissêmica, ambiguidades e trocadilhos, deixando o leitor responsável pela complementação dos sentidos do texto. Para Pardal (2011) o estilo de Dídimo é:

(...) dotado de muita sensibilidade, tanto para os fatos contemporâneos, como para a espiritualidade e o misticismo, ele compõe poemas curtíssimos, às vezes, somente de dois versos, que aguça a curiosidade e coloca esse leitor em contato com o mundo abstrato e simbólico do poema, que no mais das vezes, vem impregnado de humor e ironia, uma de suas maiores características (PARDAL, 2011, s/p.)

Para o estudo dos poemas horacianos é preciso ter igualmente em mãos seus textos ensaísticos sobre as funções da literatura e as funções da literatura infantil, pois o lirismo poético do autor dialoga constantemente com suas linhas teóricas, intermediando possíveis análises. Para Dídimo as funções da arte literária são derivadas das funções da linguagem de Jakobson, sendo elencadas em lúdica, catártica, pragmática, metaliterária, cognitiva, sinfrônica e humanizadora:

Se o paletó do poema não fosse tecido com os sete fios melódicos e multicores da poesia de nada ele serviria. O fio vermelho-lúdico do dó, o fio alaranjado-catártico do ré, o fio amarelo-pragmático do mi, o fio verde-metalliterário do fá, o fio azul-cognitivo do sol, o fio anil-sinfônico do lá, o fio violeta-humanizador do si (DÍDIMO, 1982, p. 145).

Nossa proposta é analisar os poemas de *O passarinho carrancudo* (1984) à luz das funções da literatura pensadas pelo autor, verificado em qual medida as duas escritas coincidem. Do mesmo modo, como o recorte para este artigo é o viés lírico infantil, se faz relevante mencionar o que o autor entende por funções da literatura infantil:

Descobri que a literatura infantil serve para divertir. Divertir sete vezes. Quando eu estou falando com gente grande eu tenho que explicar: divertir, divertindo; divertir, emocionando; divertir, educando; divertir, conscientizando; divertir, instruindo; divertir, integrando; divertir, libertando.

(...) funções, ou os objetivos da literatura infantil seriam o desenvolvimento da criatividade, da maturidade, da solidariedade, do conhecimento, da sensibilidade, do discernimento, da simplicidade, que são os ingredientes que fazem um bom livro de literatura infantil. Agora, as funções da literatura infantil mesmo são aquelas que se relacionam com esses objetivos, que são propriamente divertir, emocionar, educar, conscientizar, instruir, integrar, libertar. Eu cheguei ao estudo dessas funções através do estudo das funções da literatura em geral e das funções da própria linguagem (DÍDIMO, s/d, s/p. Disponível em <https://rl.art.br/arquivos/589577.doc>).

## **Análise dos poemas**

### **a tartaruga que não sabia dizer adeus**

pode ser que tudo cresça  
e floresça  
e rejuvenesça  
pode ser que no meu canto  
no meu sono no meu sonho  
eu não me esqueça

POIS TU, Ó DEUS, NOS PROVASTE,  
TU NOS AFINASTE  
COMO SE AFINA A PRATA. (Sl 66,10)  
(p. 104)

O poema trata da passagem do tempo da infância para a maturidade, representando a fluidez, o efêmero. O título *a tartaruga que não sabia dizer adeus* é a única aparição de animal em todo o poema e podemos entender simbolicamente a tartaruga associada à ideia de infância. A epígrafe bíblica vem complementar o sentido do texto ao reafirmar a ideia de que Deus burila, aperfeiçoa o homem ao longo do tempo, como *prata que se afina*. Em relação às funções da literatura que o texto expressa, as que mais sobressaem são as denominadas por Horácio de criatividade e sensibilidade, com os objetivos de divertir, emocionar, educar, conscientizar e instruir. A palavra horaciana no texto é usada com o propósito poético-lúdico, expressivo-catártico e comunicativo-humanizador.

**ah ah ah – disse a gargalhada**

os ventos dançavam nas flautas do sim  
e do não  
a galinha e o óbvio  
a viola e o saco  
as semibreves e os pernilongos

COLHEM-SE, PORVENTURA,  
UVAS DOS ESPINHOS  
E FIGOS DOS ABROLHOS? (Mt, 7,16)  
(p. 108)

O texto apela para o contexto da música, utilizando a flauta, a viola e a referência à palavra semibreve, figura rítmica de maior duração usada atualmente na notação musical padrão. A presença dos pernilongos e da



galinha também remete ao som, ao barulho das vozes de animais, que estariam em consonância ou em divergência com o som das notas e dos objetos musicais. A epígrafe em destaque é do livro de Mateus e sugere que toda árvore boa dá bons frutos e que toda árvore má dá maus frutos. Utilizando-a no contexto do poema, percebemos que a sugestão é para que percebamos que cada um de nós dá o que tem para oferecer, seja a música padrão ou a adquirida por onomatopeias decorrentes das vozes de animais. O título, igualmente, também constitui uma onomatopeia e do mesmo modo significa sonoridade.

**cada macaco no seu cada-macaco-no-seu-galho**

na hora do espavento  
cada macaco tem pé de vento

na hora do espantinho  
cada macaco  
quebra o seu galho

O SENHOR HÁ DE DAR FORTALEZA  
A SEU POVO. (Sl, 28,11)  
(p. 117)

O poema traz rimas entre o primeiro e segundo versos e entre o terceiro e o quinto e apela para os ditados populares ao destacar *cada macaco no seu galho*. Com relação ao sentido, o texto, em tom humorístico, brinca ao dizer que, na hora do assombro, do aperreio, do espavento cada sujeito tem pé de vento, ou seja, abandona o posto, bate em retirada. Por outro lado, o *espantinho*, responsável por espantar as aves das plantações simulando a presença humana, é usado não com pássaros, mas com *macacos*, permanecendo com o contexto do primeiro verso e sugerindo que cada um desempenha a função que a situação pede. A epígrafe dos Salmos quer dizer que o Senhor atende o clamor de seu povo, dando fortaleza a quem solicita. Em diálogo com o poema, em específico com o último verso *quebra o seu galho*, a passagem bíblica apela para a linguagem



informal *quebrar o galho de alguém*, fazer um favor num momento de apuros.

#### **memórias de um besouro cascudo**

de noite o meu sobretudo  
é surdo-mudo

de madrugada o meu sobretudo  
sobrenada

O HOMEM PACIENTE

ESPERARÁ ATÉ UM DETERMINADO TEMPO,  
APÓS O QUAL A ALEGRIA

LHE SERÁ RESTITUÍDA. (Eclo, 1, 29)

(p. 133)

O poeta utiliza o um besouro cascudo e reflexivo como ilustração e o faz por meio dos trocadilhos *sobretudo* e *sobrenada*. O primeiro pode, metaforicamente, ser comparado à casca do besouro que à noite está conservada, ao contrário da madrugada, quando ele sai do lugar seguro podendo custar-lhe a casca, o *sobretudo*. Por outro lado, a epígrafe de Eclesiastes traz a lição de esperar com paciência a melhor hora para colher o fruto plantado.

#### **muito nunca é tanto senão quando a noite é parca para os contratempos**

quem me livrará do meu malfeito?  
perguntou o passarinho  
contrafeito

quem escovará meu sobretudo?  
perguntou o passarinho  
carrancudo

VÓS JÁ ESTAIS PUROS

POR CAUSA DA PALAVRA QUE VOS FIZ OUVIR. (Jo, 15,3)

(p. 136)

Mais uma vez Horácio Dídimo trabalha com a rima, que está no primeiro e terceiro e no quarto e sexto versos. O título dialoga com o restante do poema ao dizer que o *muito nunca é tanto* diante dos possíveis apuros. Na primeira estrofe, o passarinho está constrangido por seu malfeito e na segunda está irritado buscando alguém para servir-lhe *esco-vando o sobretudo*. A epígrafe é do Evangelho de João e sugere que aquele que ouve e segue a Palavra já está purificado, independente do malfeito e, nesses termos, a falta do passarinho /homem será perdoada.

### o labirinto

dona carochinha  
era uma velhinha  
muito enfezadinha  
que contava estórias engraçadas  
que entravam pela perna de um pato  
e saíam pela perna de um pinto

mas el-rei mandou dizer  
que acabou-se o que era doce  
aí ela calou-se

QUE TEUS OLHOS VEJAM DE FRENTE  
E QUE A TUA VISTA PERCEBA O QUE HÁ DIAN-  
TE DE TI. (Pr, 4,25)  
(p. 143)

O texto trabalha com a oralidade popular das histórias anônimas ao citar *entra pela perna de um pato e sai ela perna de um pinto*. Além disso, há a presença da Dona Carochinha, que conhecemos como portadora popular de dizeres antigos, muito presente em narrativas orais. Outro discurso popular está no verso que traz *acabou-se o que era doce*, ou seja, aquilo que era bom não existe mais. No poema, as histórias bem-humoradas e *sem pé nem cabeça* da velha Carocha não poderiam mais ser contadas devido à ordem do rei. O *labirinto* que está intitulado o poema é o mesmo das histórias sem sentido que Dona Carochinha contava. A epígrafe de Provérbios aconselha que cuidemos da conduta, vigiando e tendo consciência dos nossos passos.

### **o profeta e o pintassilgo**

por mais velha que seja a porta  
um dia se abrirá

por mais longo que seja o caminho  
um dia chegará

por mais gordo que seja o rei  
só poderá um lugar  
de cada vez

VINDE E OUVI  
TODOS OS QUE TEMEIS A DEUS,  
E EU CONTAREI O QUE ELE TEM FEITO  
À MINHA ALMA. (Sl 65,16)  
(p. 147)

O texto traz o animal apenas no título: o pássaro pintassilgo de agradável canto, temperamento nervoso e personalidade sensível. Ele vem junto ao *profeta* e abre o poema anunciado que o dia certo das coisas sempre chegará, mesmo que o tempo demore. Essa mensagem está presente em cada uma das três estrofes do poema e associa-se à passagem sagrada do Livro de Salmos, o qual sugere a confiança na Palavra acima de tudo, mesmo diante dos desafios da vida. Num significado geral entre a epígrafe e o poema, o frisado no texto é que o tempo de espera do homem não é o mesmo tempo de Deus e mesmo demorado ele chegará, o profeta e o canto do pintassilgo trarão essa boa nova

### **o relógio**

ora quem viu, passarinho  
o tempo despertador  
correndo devagarinho  
no canto do mostrador  
reviajando o caminho  
redescobrinho o amor?



QUEM É SÁBIO PARA JULGAR ESTAS COISAS  
E COMPREENDER A MISERICÓRDIA DO SE-  
NHOR? (Sl, 106,43).

(p. 150)

O poema *relógio* faz referência aos relógios cuco<sup>2</sup>, cuja hora é conta-  
da por meio das idas e vindas do passarinho. O som produzido, bem  
como o nome dado ao relógio foram criados a partir do próprio canto do  
macho da ave e a cada hora marcada o passarinho - entalhado na peça do  
relógio - produz o som. A passagem bíblica dos Salmos apela para a com-  
preensão e entendimento das coisas divinas diante de fatos inusitados. O  
poema destaca que o tempo mostrado pelas idas e vindas do cuco poderá  
trazer um novo amor igualmente inusitado.

**o tigre de bengala o leão de peruca e a tartaruga que  
era um passarinho disfarçado**

todos nós somos iguais  
uns menos outros mais

NÃO PODE O OLHO DIZER À MÃO  
NÃO PRECISO DE TI. (1 Cor 12,20)  
(p. 153)

O poema traz um título maior que o corpo do texto, muito co-  
mum na poesia horaciana, com seu estilo conciso e breve. A temática é  
a da igualdade pela diversidade, mesmo que sejamos tigres, leões, tar-  
tarugas e passarinhos disfarçados, somos infinitamente iguais aos olhos

2 “O pássaro cuco (*Cuculus canorus*) leva uma vida solitária quando não está em época de acasalamento. Nesse período, sem manter parceiro fixo, os machos chamam pelas fêmeas por meio do canto característico, que soa como “**cuu-coo**”. Os primeiros relógios cuco surgiram na Alemanha, em uma região conhecida como Floresta Negra. Eram fabricados por artesãos dentro de suas próprias casas durante períodos de rigoroso inverno. Quando chegava o verão, os moradores saíam da região para vender os relógios e outras artes pela América, Ásia e Europa. O passarinho cuco foi incorporado ao relógio juntamente com outros elementos naturais e tradicionais que existiam na Floresta Negra, bem como atividades praticadas na época — ordenha, serraria e corte de lenha, por exemplo. A maioria dos relógios recebiam essas imagens desenhadas na própria madeira da qual eram fabricados e suas duas notas musicais produziam um som semelhante ao canto do cuco”. Disponível em: <http://blog.kukos.com.br/voce-conhece-o-passaro-cuco-7-curiosidades-sobre-essa-ave-tradicional/>. Acesso em 15/01/2018.

divinos. A epígrafe de Coríntios compactua dessa mensagem ao dizer que somos partes diferentes e necessárias de um só corpo e que se complementam e se ajudam.

**insetos bibliógrafos assimilam a seu modo a cultura humana**

o poeta distraído  
catava o vidro colorido  
das palavras

DERRETE TEU OURO E TUA PRATA:  
FAZE UMA BALANÇA PARA PESAR AS TUAS PALAVRAS. (Eclo 28,29)  
(p. 156)

O poema curtíssimo possui uma profundidade lírica belíssima ao descrever a cata, pelo poeta, do *vidro colorido das palavras*. O termo *bibliógrafos*, a rigor, é alguém que escreve sobre livros. No texto horaciano é um inseto devorador de livros, que também pode ser comparado ao poeta, em seu esforço de construção da palavra poética. A passagem de Eclesiástico nos sugere o não pecado pela palavra, pela língua. Num sentido único, os insetos, os escritores e o homem lidam com as palavras, cada um a seu modo.

## Considerações Finais

O livro *O passarinho carrancudo* é carregado de sentido lírico, com a presença de diferentes animais nos versos de seus poemas. No geral, essa obra apresenta temas majoritariamente infantis. É possível concluir que a presença do motivo animal em suas linhas é recorrente, especialmente, em obras infantis, em contos de fadas e fábulas, de cuja tradição Horácio Dídimo é devedor.

A literatura horaciana trabalha com diferentes temáticas e funções literárias. Variadas vezes o autor declara que a arte literária agrega diferentes poderes, sendo capaz de desenvolver no leitor aspectos como criatividade, sensibilidade, maturidade, discernimento, conhecimento,

solidariedade e simplicidade. A poesia de Dídimo é tecida por sete fios, que ele enumera em lúdico, catártico, pragmático, metaliterário, cognitivo, sinfrônico e humanizador, ou seja, a palavra literária é possuidora de todas essas funções, que estão diluídas nos poemas de *O passarinho carrancudo*. Por ser uma obra que carrega um viés além de tudo infantil ela diverte, emociona, educa, conscientiza, instrui, integra e liberta, ações já previstas pelo autor em seus ensaios sobre literatura infantil. Desse modo, o autor cria seus versos com o olhar voltado para o que a literatura pode fazer ao seu leitor passarinho.

## Referências

ARAÚJO, Felipe. *A palavra trinitária*. Disponível em : <https://www20.opovo.com.br/app/acervo/entrevistas/2012/07/17/noticiasentrevistas,2880212/horacio-didimo.shtml>. Acesso em: 14/01/2017.

DÍDIMO, Horácio. *A palavra e a Palavra*. 3ª ed. Ampliada. Fortaleza: Edições UFC, 2002.

\_\_\_\_\_. *As funções da literatura infantil*. Revista de Letras da UFC, Fortaleza, 11(2): jul/dez 1986.

\_\_\_\_\_. *Reflexões de um passarinho carrancudo*. Revista de Letras da UFC, Fortaleza, v. 4/5, n ° 2/1:jan/jun. 1982, p. 145.

LYRA, Pedro. “Poesia e esperança em Horácio Dídimo”. In: *Poesia cearense e realidade atual*. Petrópolis: Vozes; Fortaleza: Fundação Edson Queiroz, 1975.

PARDAL, Paulo de Tarso. *Horácio Dídimo: releitura do poema, leitura bíblica*. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/horacio-didimo-releitura-do-poema-leitura-biblica-1.752992>. Acesso em: 15/01/2017.

PONTES, Roberto. “Sincretismo: a poesia da geração 60 e a do grupo SIN (1968-2008)”. In: *Revista dos Encontros Literários Moreira Campos*. Ano



1 – Nº 2 – agosto – novembro de 2008. Disponível em: <http://encontros-literarios.ufc.br>. Acesso em: 14/01/2017.

\_\_\_\_\_. *Horácio Dídimo e o epigrama recriado*. [http://www.academiacearensedeletras.org.br/revista/revistas/2001\\_02/ACL\\_2001\\_02\\_003\\_Horacio\\_Didimo\\_e\\_o\\_epigrama\\_recriado\\_-\\_Roberto\\_Pontes.pdf](http://www.academiacearensedeletras.org.br/revista/revistas/2001_02/ACL_2001_02_003_Horacio_Didimo_e_o_epigrama_recriado_-_Roberto_Pontes.pdf)1993. Acesso em: 14/01/2017.

TAVARES. Wadlia Araújo. *Quase Horácio Dídimo*. Disponível em: <https://rl.art.br/arquivos/589577.doc>. Acesso em: 14/01/2017.